

Autonomia e conhecimento – algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes¹
Solon EduardoViola²

Resumo

Este texto nasce como uma síntese da reunião de dois pensadores do século XX, Antônio Gramsci e Paulo Freire, dois homens de tempos e lugares distintos, mas relacionados por sentimentos e construções teóricas, que em muitos pontos se afastam e em muitos se aproximam, mas mediam as relações humanas na direção de outra sociedade, justa e solidária. A escolha intencional e arbitrária dos pontos de aproximação entre esses autores foi resultante da discussão das práticas pedagógicas e da formação de professores com um grupo de alunos do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A origem dessa possibilidade está situada em uma disciplina, em que foi discutido o livro: “Medo e ousadia: o cotidiano do professor”, no qual Paulo Freire dialoga com Ira Shor, sendo constatado a presença muito forte de Antonio Gramsci. A busca com a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito, da leitura desse autor anunciado pelo próprio Freire como de grande influência nos seus estudos sobre cultura, tornou-se um grande desafio. A proposta de uma leitura dirigida foi realizada em parceria com uma professora do PPGEDU e um professor da Pedagogia. A tematização da obra de Gramsci, baseada especialmente nos três volumes de Cadernos do Cárcere, com os questionamentos trazidos pelos alunos, contribuiu para a síntese aqui apresentada.

Palavras-chave: Autonomia. Conhecimento. Práticas Pedagógicas.

Autonomy and knowledge - some possible interchanges between Antônio Gramsci and Paulo Freire through the analysis of emancipationist pedagogical practices

Abstract

The present text was conceived as a synthesis of the encounter of two thinkers who belong to the 20th century. Antônio Gramsci and Paulo Freire, two men from different time and space, connected by theoretical feelings and constructions, which in many way are far apart and in many others are drawn together, mediating human relations towards a different society, a more just and sympathetic one. The intentional and arbitrary option for the proximity points concerning the two authors was a result of the discussions of a group of students from the Post-Graduation Program in Education from Universidade do Vale do Rio dos Sinos, in which concerns pedagogical practices and teachers education. The origin of such possibility came from a discipline in which the students discussed the book entitled “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” (Fear and boldness: a teacher’s routine), where Paulo Freire carries on a dialogue with Ira Shor, making very clear the influence Antonio Gramsci had on it. The interest in reading the aforementioned author, who was of great influence over Freire’s studies on culture, with the methodical rigor that characterizes the subject’s epistemological

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Professor do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

curiosity, became a huge challenge for the group. The planning of having a guided reading was realized in collaboration with a professor from PPGEDU and a professor from the Pedagogy Course. The discussion of Gramsci's work, based mostly on the three tomes of *Cadernos do Cárcere*, along with the students' questions, contributed enormously for the synthesis presented here.

Keywords: Autonomy. Knowledge. Pedagogical Practices.

A emersão da busca

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo (...) a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. (PAULO FREIRE)

Na releitura da obra de Freire, sempre encontramos outras possibilidades, outras construções subjacentes que necessitam de um contínuo retorno e, quando o fazemos, encontramos outras referências que exigem uma experiência intelectual engravidada da vida vivida e, *da que ainda*, está por vivermos.

Sua obra tem sido nosso fio condutor para a discussão da formação de professores e das práticas pedagógicas, buscando a interlocução com outras autorias e, especialmente, com a realidade vivida e interpretada, em cujo seio fecundam-se teorias, refutam-se e se transformam teorias.

Nesse sentido, na discussão do livro "Medo e ousadia: o cotidiano do professor", em que Paulo Freire dialoga com Ira Shor, nos demos (eu e meus alunos)¹ conta da presença muito forte de Antonio Gramsci, e resolvemos buscar *com a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito*, a leitura desse autor anunciado pelo próprio Freire, como de grande influência nos seus estudos sobre cultura.

Nessa busca, fizemos uma parceria com o professor Solon e construímos a possibilidade de aprofundar nossos estudos com a leitura dirigida denominada *Educação, autoridade e mediação em Gramsci*.

Várias vezes nos perguntaram e, nós nos perguntamos, porque estudar Gramsci, um clássico. Para nós, estudar um clássico é fundamental, entretanto, é preciso compreendê-lo no seu espaçotempo, sem trazê-lo linearmente para o nosso tempo, mas contextualizá-lo e re-significá-lo no espaçotempo em que estamos vivendo, conhecendo sua vida e sua obra, enfim as condições concretas de produção de sua vida e de sua obra.

Na tentativa de sistematizar o vivido em sala de aula, podemos relatar que essa busca se caracterizou por:

- Leitura da realidade: da trajetória de vida e do contexto sócio-histórico,

político e cultural de Antonio Gramsci;

- **Problematização:** levantamento de suas idéias situadas no seu espaçotempo vivido, articulado com os questionamentos trazidos pelo grupo, que inseriu questões gestadas nas leituras de Paulo Freire, especialmente, em seu diálogo com Ira Shor;

- **Interpretação contextualizada:** discussão das categorias de análise construídas na problematização feita com o grupo, que articulou possibilidades de re-significação no contexto em que vivemos, buscando interpretar e aproximar o vivido por Gramsci e por Freire;

- **Avaliação compatível** com um processo que privilegiasse habilidades mais elaboradas, discussão coletiva e elaboração de sínteses individuais como sistematização das apropriações teóricas das leituras realizadas.

As aproximações possíveis

No retorno às nossas inquietações, gestadas na leitura do diálogo entre Freire e Shor, inquietações estas confrontadas com nossas práticas interpretadas, voltamos a aproximar Gramsci e Freire, agora com a contribuição de nossos alunos, discutindo com maior profundidade a autonomia e a emancipação na educação e na formação de professores.

Assim, este texto nasce como uma síntese da *reunião* de dois pensadores do século XX, dois homens de tempos e lugares distintos, mas relacionados por sentimentos e construções teóricas que em muitos pontos se afastam e em muitos se aproximam, mas mediam as relações humanas na direção de um projeto educativo para uma sociedade justa e solidária.

Escolhemos, sem dúvida de forma intencional e arbitrária, os pontos de aproximação. Falamos de Antônio Gramsci, intelectual e militante marxista, que viveu, nas primeiras décadas do século passado, na Itália de intensos conflitos sociais, que resultaram na ditadura fascista e de Paulo Freire, educador humanista que viveu intensamente as agruras e as transformações latino-americanas e mundiais da segunda metade dos 1900.²

Os pontos de contato que escolhemos estão ligados a categorias destacadas pelo grupo e, também, a uma compreensão que ambos os autores, demonstraram, em seus escritos e em suas práticas sócio-políticas, sobre as questões da educação e, notadamente, sobre as propostas pedagógicas que produziram como críticos e militantes em defesa das mudanças, que o tempo e as sociedades nas quais viveram, exigiam como construção de uma forma de conhecimento capaz de produzir autonomia, integridade ética e emancipação.

Partindo desses conceitos e das categorias construídas com o grupo, selecionamos quatro elementos para análise:

- compromisso político com a realidade social no qual a prática educativa se realiza;

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

- importância do projeto educativo para a produção da autonomia dos aprendizes;
- produção de uma pedagogia emancipadora;
- relação existente entre o projeto educativo e a sociedade almejada pelos educadores.

A produção pedagógica situada

Gramsci e Freire depararam-se com situações históricas similares. A Itália, na qual o intelectual marxista viveu, debatia-se em lutas sociais que colocavam frente a frente os herdeiros do movimento republicano do século XIX. De um lado, situavam-se grupos que, baseados nos Comitês de fábrica e nas expectativas geradas pela jovem Revolução Socialista Russa, propunham, a partir do princípio da Igualdade, aprofundar as reformas sociais e econômicas.

De outro lado, as forças políticas que entendiam a mudança como uma forma política, hábil, de preservar benefícios e ganhos. O quadro político italiano de 1920 não pode ser compreendido se desconsiderarmos as disputas internacionais que colocavam em conflito as grandes potências internacionais, envelhecidas como o império inglês ou em expansão como a tardiamente industrializada Alemanha e os Estados Unidos, ambos em disputa pelos espaços sob os quais o império inglês perdia o controle em seu desmoronamento.

O Brasil, e a América Latina na qual o pedagogo humanista vivenciou e sistematizou sua obra, ao longo da segunda metade do século XX, antes de internacionalizá-la, debatia-se entre projetos de desenvolvimento nacionalistas e internacionalistas. Os nacionalismos do primeiro modelo tornaram-se possíveis, entre outras razões, pelo afrouxamento dos laços de dominação ao longo das disputas pela hegemonia capitalista travadas na primeira metade do século.

Os espaços nos quais se consolidaram seus modelos de desenvolvimento foram marcados por embates permanentes com forças internacionais desde sempre presentes no continente, seja através do controle do processo econômico, seja através da presença político-militar, não só ao longo do período colonial. Quando derrotados, na década de 1960, não haviam ainda incorporado a maioria dos trabalhadores, especialmente os trabalhadores agrários.

Foi nesse espaço político de disputa entre dois modelos de desenvolvimento que Freire iniciou sua ação pedagógica libertadora propondo teorias e métodos educativos capazes de construir conhecimentos engajados em uma cidadania de participação. Quando o projeto de desenvolvimento de base nacional foi derrotado e se instalou um novo modelo de base internacional que serviu de sustentáculo a construção de uma sociedade cultural e economicamente globalizada sob a hegemonia das grandes indústrias e do capital financeiro situados ambos, em sua grande maioria, nos Estados Unidos, as experiências de educação popular, entre elas a de Freire, foram interrompidas na medida em que consideradas agentes de transformação emancipadora. A partir de então Freire se internacionalizou e, com ele, suas teorias e seu projeto educativo.

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

A vitória tanto dos conservadores italianos como dos defensores do capitalismo internacionalizado, somente pode ser consolidada ao custo da supressão das práticas democráticas. Os derrotados, em ambas realidades históricas e, talvez, na maioria das vezes, quando o conflito entre diferentes forças políticas chega ao limite dos espaços formais de disputa, foram perseguidos, muitos mortos, outros presos (caso de Gramsci), outros exilados (caso de Freire)³.

A experiência cidadã, do militante preso e do pedagogo exilado, serviu como base para a formação das teorias educativas de ambos. Freire diria, já no exílio, que “toda a educação é um ato político e todo o ato político um ato educativo”. Sua concepção lembra Gramsci, para quem a educação deve possibilitar a construção de uma pedagogia que ultrapasse os limites do conhecimento formal das disciplinas produzindo, entre os aprendizes, a capacidade de relacionar os saberes escolares com a compreensão da sociedade e a superação dos modelos culturais que dificultam a realização de um novo tipo de sociedade ou, ao contrário, que possibilitam a sua preservação.

Dizendo de outro modo, para Gramsci a educação estava relacionada a uma concepção do poder transformador do conhecimento, a partir do qual se tornaria possível produzir a disseminação de uma cultura que compreende a ação política como uma prática pensada no interior da sociedade civil, portanto, não como a luta pela conquista do aparelho de Estado, mas como o confronto para a transformação revolucionária do cotidiano para conquistar as consciências dos indivíduos e das classes sociais.

O ato pedagógico incorpora-se ao modelo social, não só para a transformação da sociedade, também para sua preservação, mesmo porque conservação e mudança são componentes complementares da incompletude humana. Mudar, menos do que um destino manifesto da natureza humana é uma exigência do próprio movimento da sociedade, de algumas de suas forças de produção e de suas múltiplas manifestações culturais.

Preservar é uma decorrência da aspiração de permanência, ou do desejo de manter benefícios sejam, os mesmos, benesses materiais ou as distintas formas de poder existentes, tanto no Estado como na sociedade civil. Em ambos os casos os atos de conservar ou transformar vinculam-se não a natureza do ser humano incompleto, mas a própria condição do viver em sociedades em cuja composição social apresentam-se graves desequilíbrios sociais de cuja raiz decorrem crescentes benefícios de alguns e o aumento constante das carências dos demais.

Ao analisar o sistema escolar da Itália meridional, Gramsci depara-se com propostas educacionais distintas que envolvem projetos sociais que, mesmo distintos, foram capazes de construir uma aliança política que resultou na ditadura de Benito Mussolini.

De um lado, a formação humanista com propostas civilizadoras de profundo cunho moral, de outro, a proposta utilitarista das escolas profissionalizantes, dos centros urbanos, voltada para a formação de trabalhadores para a pretendida expansão industrial do norte italiano da década de 1920. Uma e outra preservavam um ponto de contato, propunham um conhecimento escolar sujeito aos limites do sistema e a preservação das práticas didáticas disciplinadoras.

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

A tradicional escola humanista destinada à formação das jovens elites agrárias passara a conviver com dois novos modelos de escola, uma voltada para as novas elites urbanas, outra profissionalizante, orientada para uma formação pragmática e utilitária dos novos trabalhadores da indústria. A desorganização do sistema escolar e a crise educativa dela resultante reproduziam a crise orgânica pela qual passava a sociedade italiana sob o domínio do pensamento autoritário típico das décadas de 1920 e 1930.

Com o triunfo do fascismo e a eliminação dos espaços democráticos o Estado não necessitava de justificar a imposição de um plano nacional de educação com programas e organização escolar capazes de produzir um projeto de formação profissionalizante gerando em consequência não só à superação da pedagogia tradicional, mas uma profunda crise de referência no sistema educacional italiano.

A crise revelava os limites das escolas humanistas preservando um pequeno número das mesmas para as elites de origem agrária e para mulheres despreocupadas com uma futura vida profissional enquanto as escolas profissionalizantes apresentavam currículos destinados à formação técnica dos trabalhadores que a nascente industrialização necessitava. Trabalhadores, que deveriam ser, ao mesmo tempo, profissionais competentes e cidadãos disciplinados.

Para Gramsci as reformas de ensino do período de Mussolini haviam jogado a educação nacional italiana em uma crise cuja superação só poderia ser alcançada através de práticas pedagógicas humanistas, de um humanismo universal e socialista, capazes de construir indivíduos e grupos sociais que desenvolvessem "*uma fase de estudo ou de trabalho profissional na qual a autodisciplina intelectual e a autonomia moral são teoricamente ilimitadas*" (2001, p. 38). Profissionais competentes sem dúvida, mas também cidadãos participantes dos rumos das sociedades em que viviam.

Freire não se depara com um Estado fascista, defronta-se, no entanto, com ditaduras militares que cobrem o continente latino-americano conforme as exigências geo-estratégicas da guerra fria e aos interesses das elites industriais e financeiras do continente.

Nesse quadro histórico, a crise educacional vivida pelo Brasil apresenta dimensões próprias, os governos militares tratam de ampliar o acesso ao sistema de ensino e de reorganizar os currículos através de um reordenamento utilitário, para as escolas profissionalizantes e disciplinadoras, para todos em todos os níveis de ensino.

Tratam então, de exercer sua hegemonia através de práticas consensuais a serem conquistadas nos bancos escolares com disciplinas criadas especificamente com esse objetivo, e com práticas coercitivas exercidas diretamente sobre líderes estudantis e professores dissidentes. Ao mesmo tempo, elaboram propostas de métodos pedagógicos que, fundamentadas no tecnicismo, concentravam o saber ora nas mãos de planejadores distantes da realidade cotidiana da escola, ora em práticas instrucionais, transformando os estudantes em depósitos de conhecimento e professores em instrutores de conhecimentos e de metodologias capazes de adequar os aprendizes as tecnologias de produção.

Para Freire, ao contrário, a pedagogia deveria de ser baseada no diálogo franco e rigoroso entre dois aprendizes, mediados pelo conhecimento, sob a direção daquele que, entre eles, já pode avançar para além do senso comum, sem desqualificá-

**Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci
e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias**

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

lo, mas trabalhando com ele e a partir dele. Assim, denominou a pedagogia das ditaduras latino-americanas de pedagogia bancária nela identificando uma educação conformista e domesticadora através da qual os estudantes, tratados como objeto, formar-se-iam como profissionais competentes sem responsabilidade, não só sobre o que produzem, sobre a sociedade na qual vivem e exercem sua cidadania.

O utilitarismo do currículo tecnicista projetava, ao mesmo tempo, disciplina e docilidade. Disciplina para o trabalho na linha de montagem fordista, docilidade frente às práticas ora consensuais, ora coercitivas, advindas ora do Estado, ora dos diferentes poderes componentes da sociedade civil.

Aos princípios tecnicistas da pedagogia bancária, Freire contrapunha a urgência da dialogicidade; ao disciplinamento de corpos e consciências interpunha a compreensão do mundo, através de uma busca rigorosa e alegre do conhecimento. Aos saberes disciplinadores, reprodutores de cidadanias intimidadas, opunha a construção de abordagens dialógicas formadoras de consciências críticas produtoras de uma cidadania em constante busca da autonomia.

A dialogicidade freireana não *igual*a professores e alunos, aproxima-os na construção do conhecimento a partir de lugares diferenciados para cada um, em movimentos constantes de apropriação e socialização desse conhecimento construído. Ao professor corresponde um domínio prévio do *conhecimento existente*, a ser recriado na aprendizagem feita em conjunto com os aprendizes, aprendendo com estes, na condição de um aprendiz.

Na proposta de aprendizagem conjunta, os professores assumem sua autoridade, oriunda do conhecimento e não da delegação, sem destruir a criatividade e a liberdade dos aprendizes e na convicção de que através de uma postura crítica e participativa que esses podem construir, gradativamente, sua autonomia.

O diálogo assim entendido representa um embate constante entre a autoridade, não autoritária, advinda do conhecimento e a liberdade para o desenvolvimento crítico e a criação de novos saberes, tanto dos aprendizes como dos professores.

Para Gramsci, este espaço de recriação do conhecimento representa o surgimento de um novo tipo de intelectual. O intelectual que não se constitui como reprodutor das estruturas sociais dominantes, mas, ao contrário, se coloca a serviço da construção de um novo modelo de sociedade, a ser construído não pela tomada do aparelho do Estado ou dos meios de produção, mas pela organização de uma nova hegemonia cultural.

Para Freire, somente uma indispensável pedagogia baseada nas relações dialógicas entre educando e educador poderia tornar possível "*O respeito à autonomia e à dignidade de cada um*" (1997 p. 66): respeito ao aprendiz e a construção de sua autonomia são princípios constitutivos, imperativos éticos e não concessões que os professores podem fazer a seus alunos.

Assim a construção da autonomia, através da ação pedagógica, é entendida, por Freire, como um imperativo ético enquanto para Gramsci, trata-se de um princípio de restauração moral e intelectual. Para ambos a autonomia é produzida como uma possibilidade pedagógica de atuar com a sociedade no sentido de superar as

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

concepções dominantes que se apresentam como pensamento e alternativas únicas, reguladoras não só das relações dos seres humanos com a natureza, mas, também, da definição dos espaços permitidos para o exercício da cidadania.

A autonomia se constitui na possibilidade dos aprendizes assumirem, apoderarem-se, do conhecimento não mais para reproduzir os saberes já formalizados, ao contrário para se tornarem capazes de refazer, cotidianamente, o que se sabe, e o que não se sabe, passando a atuar criticamente na direção de superar o senso comum e de ser capaz de agindo nos espaços de conflito, modificar a cultura da sociedade.

Para Freire, como para Gramsci, o senso comum não é uma forma menor do conhecimento. Ao contrário é o ponto de partida para produção docente e discente. A partir dos saberes presentes no senso comum, portanto a partir do concreto, dos aprendizes que se pode constituir uma compreensão mais rigorosa, mais elaborada e, portanto, menos ingênua dos diferentes momentos da aprendizagem.

O senso comum é assim, uma forma de saber presente no cotidiano da vida social e é dele que se pode constituir o pensamento crítico que exige uma compreensão rigorosa em relação ao conhecimento da ação humana junto à sociedade e com a natureza.

Nessa direção, para os teóricos que são a referência desse texto, o ato pedagógico deve ir além dos limites da simples instrução reguladora, deve estar a serviço do conhecimento emancipatório, possibilitando o desvelamento das leis da natureza, de modo a compreendê-la para com ela viver, recriá-la e para dela extrair, através do trabalho, as condições indispensáveis para a vida da humanidade e do planeta que a acolhe.

No entanto, não basta, realizar a aprendizagem sobre a natureza e os signos que a representam, trata-se, também, de conhecer a sociedade humana e as formas de relações que possibilitam sua reprodução e transformação, os direitos e deveres tanto em relação ao Estado, como em relação à sociedade civil.

Ou seja, a ação pedagógica corresponde à condição de se restabelecer a função diretiva e organizativa da sociedade, isto é, a superação do senso comum e a refundação do universo cultural da sociedade. Sendo o ponto de partida o senso comum, não pode ser este o limite do ato pedagógico, ao contrário, a ação do professor dialógico pressupõe sua superação, através da qual possibilita aos aprendizes o acesso e a produção de saberes sistematizados, orgânicos e socialmente comprometidos. Como ato político, a superação do senso comum pressupõe a formação de intelectuais dispostos a compromissos e atos que objetivem a crítica das desigualdades e a construção de uma sociedade socialmente mais igualitária, politicamente mais participativa, ecologicamente mais equilibrada e finalmente, economicamente mais justa.

A educação, como um componente cultural das diferentes forças sociais em disputa, não só forma intelectuais orgânicos ou transformadores, mas constitui espaços de luta nos quais se produzem os pensamentos hegemônicos de cada sociedade e de cada tempo histórico.

O imperativo moral e ético da autonomia compreende formas de interação educativa através da qual os seres humanos devem adquirir consciência das relações

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

múltiplas que constroem ao viver em sociedade e *de estar no mundo* e, em contato com a vida da natureza. Vida esta, que a humanidade transforma e que, nas últimas décadas, é capaz tanto de colocar em risco, como de recriar. Coloca-se a natureza em risco quando, por razões econômicas ou geopolíticas rompe-se o precário equilíbrio existente entre a sociedade e a natureza.

O imperativo da sociedade sobre a natureza chegou a tal ponto que hoje o desequilíbrio coloca em risco a própria sociedade. Recriar um equilíbrio pode tornar-se um novo imperativo para a sobrevivência tanto da sociedade, quanto da própria natureza.

Retomando Freire (1987, p.29) quando afirma que: *Mais uma vez os homens desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu "posto no cosmos", e se inquietam por saber mais*, percebemos uma cosmovisão complexa e interativa da humanidade e da natureza.

Assim, quebra-se o dualismo da dicotomia mente-matéria e homem-natureza, havendo subjacente uma relação ética solidária na qual todos interagem com a sociedade e com a natureza. Esta compreensão, sem dúvida, é um grande desafio para a humanidade e para nós que trabalhamos com Educação, em nossas práticas cotidianas.

Sem a ingenuidade de que mudaremos *agora* a sociedade, mas conscientes de que a partir do lugar em que nos encontramos, podemos encaminhar a mudança, aproximando-nos dos que lutaram, lutam e lutarão por outra sociedade, nos ancoramos em Freire (1997, p.112), quando ele afirma que:

O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.

Como aprendemos com Gramsci, em nossas aulas, somos autônomos quando criamos a dúvida e buscamos os caminhos para solução da dúvida, na compreensão de que uma vez resolvida, novas questões surgirão; quando nos autorizamos a escutar e a viver os processos culturais que nos permitem pensar o ato pedagógico como ato político em sua multidimensionalidade de diferenças e complementaridades, que nos conduzem a escolhas sobre que caminhos seguir e sobre quais as questões que temos possibilidades de enfrentar.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P; SHOR, I. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 2/4, 2001.

Autonomia e conhecimento - algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias

Cleoni Maria Barboza Fernandes e Solon Eduardo Viola

Notas

¹ No sentido de facilitar a leitura, usaremos a denominação professor/professores e aluno/alunos, de acordo com a norma culta da língua portuguesa para indicar a categoria que inclui professor(es) / professora(s) e aluno(s)/aluna(s).

² O presente trabalho representa um desafio assumido na realização de uma leitura dirigida no Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos pela Professora Cleoni Maria Fernandes e pelo Professor Solon Viola com um grupo de seis alunos.

³ Foi nessas condições esses pensadores produziram uma parte considerável de suas obras. Citamos aqui especialmente os Cadernos do Cárcere de Gramsci e Pedagogia do Oprimido, Educação e Mudança e Pedagogia da Esperança de Freire.

Correspondência

Cleoni Maria Barbosa Fernandes - Av. Nova York, 234/501, Auxiliadora/POA - RS. Cep: 90550-070. Programa de Pós-Graduação em Educação do Vale do Rio dos Sinos/ Av. UNISINOS, 950. São Leopoldo/RS. Cep: 93022-000.

E-mail: cleofernandes@terra.com.br

Solon Eduardo Annes Viola - Universidade do Vale do Rio dos Sinos/ Av. UNISINOS, 950. São Leopoldo/RS. Cep: 93022-000.

E-mail: solon@poa.unisinos.br

Recebido do em agosto de 2004

Aprovado em setembro de 2004